



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 04, pp. 46133-46136, April, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21600.04.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## PRÁTICAS AMBIENTAIS A PARTIR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO NA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL DO FLEXAL PRACUÚBA, AMAPÁ, BRASIL

\*<sup>1</sup>Márcio Moreira Monteiro, <sup>2</sup>Germano Guarim Neto and <sup>3</sup>Cristilene de Moura Mendonça

<sup>1</sup>Professor Adjunto e Pró-Reitor de Planejamento e Administração da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Amapá, Brasil; <sup>2</sup>Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mato Grosso, Brasil; <sup>3</sup>Professora vinculada ao Governo do Estado do Amapá, Atuando no Conselho do Fundeb

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 27<sup>th</sup> January, 2021

Received in revised form

21<sup>st</sup> February, 2021

Accepted 22<sup>nd</sup> March, 2021

Published online 22<sup>th</sup> April, 2021

#### Key Words:

Perspectivas pedagógicas, Fazer educativo ambiental, Temas geradores locais, Conteúdos escolares.

#### \*Corresponding author:

Márcio Moreira Monteiro,

### ABSTRACT

O trabalho tem como objetivo apresentar perspectivas pedagógicas para um fazer educativo ambiental voltado para a comunidade de São Miguel do Flexal, apontando diretrizes e propostas sustentadas em Temas Geradores Locais, tendo a intenção de criar condições para o desenvolvimento de um processo educacional condizente com os saberes produzidos na localidade. Os conhecimentos do cotidiano são colocados em destaque juntamente com os denominados conteúdos escolares o que se faz por um processo de problematização e reflexão de temas emergentes das relações sociais, políticas, culturais e ambientais experimentadas na comunidade.

Copyright © 2021, Márcio Moreira Monteiro et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Márcio Moreira Monteiro, Germano Guarim Neto and Cristilene de Moura Mendonça. 2021. "Práticas ambientais a partir do ensino de ciências: um estudo na comunidade de São Miguel do Flexal Pracuúba, Amapá, Brasil", *International Journal of Development Research*, 11, (04), 46133-46136.

## INTRODUÇÃO

Ensinar ciências em uma perspectiva ambiental tendo como base o contexto local de uma comunidade caracterizada por saberes construídos na tradição e em traços culturais que indicam as formas de sobrevivência no espaço amazônico, instituiu-se como um desafio de grandes proporções enfrentado pelos educadores que se debruçam a essa atividade que ao mesmo tempo em que é gratificante, também é dolorosa e desgastante, tendo em vista as dificuldades estruturais, econômicas e sociais vivenciadas. Considerando tal conjuntura e a coerência com o referencial teórico adotado, fez-se a opção por discutir o assunto, fundamentado em uma visão de prática pedagógica como um processo em construção, eminentemente apoiado nas relações culturais, sociais e políticas, haja vista que "[...] nas práticas pedagógicamente construídas, há a mediação do humano e não a submissão do humano a um artefato técnico previamente construído". (FRANCO, 2016, p. 536). Uma proposta pedagógica com esse fundamento é algo inegavelmente importante para o entendimento e valorização dos saberes produzidos na vida comunitária, já que neste caso, o foco está centrado em perspectivas locais de conhecimentos e de práticas de vida, destacando-se nesse cenário o fazer pedagógico como instrumento de transformação social e conservação ambiental, visto que é no cotidiano dos sujeitos locais que a conservação do

ambiente se constitui como algo primordial a sobrevivência, a julgar, pelo potencial impresso nas práticas repassadas de geração a geração. Para a construção de uma proposta pedagógica condizente com os saberes circulantes na comunidade, faz-se necessário a observação de pelo menos três dimensões: teórico-epistemológica, visando à reflexão sobre o trabalho com Educação Ambiental por meio do Ensino de Ciências; Político-cultural-ambiental tomando como base a problematização e a concepção de temas geradores locais no intuito de promover a politização dos conteúdos e sua aproximação com as práticas de vida; Pedagógico-escolar com o propósito de construir e aplicar materiais didáticos a partir dos saberes tradicionais produzidos historicamente na comunidade.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

**Área de Estudo:** São Miguel é um componente do município de Pracuúba, Amapá, Brasil, juntamente com as comunidades de Breu, Flexal, Cujubim e Pernambuco, cada uma delas apresentando características distintas quanto aos aspectos geográficos, sociais e culturais. Quanto a sua localização, encontra-se na porção leste do município de Pracuúba e dista da sede aproximadamente 8 km, estando a margem esquerda do rio Maringá, tributário da margem direita do rio Flexal. No período chuvoso a locomoção é feita por

meio de embarcações motorizadas ou não: voadeira (embarcação não fabricada na comunidade, movida a motor de popa, muito utilizada por indivíduos com maior poder aquisitivo, visto o alto consumo de combustível), montaria/canoa (é o tipo mais comum de embarcação utilizada na comunidade, geralmente impulsionada por remo ou varejão, nesse caso a energia é gerada pela força física do sujeito que com suas habilidades controla a direção da embarcação), batelão (embarcação semelhante a anterior, porém dotada de maior porte, uma vez que está destinada ao transporte de carga). São Miguel do Flexal faz parte de um cenário denominado pela população local de “Região dos Lagos do Amapá”, também conhecido como “Campos Inundáveis do Amapá”, considerando uma de suas principais características de ordem natural, qual seja, no período de estiagem – aproximadamente entre os meses de setembro a novembro - formam-se campos com pastagens, estabelecendo formas de locomoção e convívio adaptados às condições climáticas, já no período chuvoso – aproximadamente entre os meses de janeiro a maio - a paisagem se transforma em campos inundáveis, exigindo dos moradores novas formas de convívio e sobrevivência. Interessante registrar que entre os dois períodos narrados, existe o que se pode denominar de transição – localizado entre a estiagem e o período chuvoso e entre as chuvas e estiagem -. Tendo em vista as peculiaridades presentes na localidade, torna-se evidente que a maneira como a natureza se organiza, dita o ritmo das relações entre os indivíduos e o meio ambiente em suas diversas dimensões.

**Tipo de Abordagem:** Reconhecendo a perspectiva de construção de dados no próprio contexto onde a investigação é efetivada, optou-se por uma abordagem qualitativa, já que permite, “[...] em maior grau e profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos” (OLIVEIRA, 2004, p. 117). O procedimento utilizado na investigação obedeceu aos pressupostos do estudo de caso que se sustenta na “análise aprofundada e exaustiva de um objeto de pesquisa restrito de modo a possibilitar seu amplo e detalhado conhecimento” (MOROZ; GLANFALDONI, 2002, p.45). Dessa maneira, tornou-se possível apontar aspectos singulares de uma comunidade, da educação produzida em seu contexto e de uma escola com características particulares, favorecendo uma análise a partir de questões de ampla dimensão no que se refere aos saberes locais e a organização do currículo escolar. Os dados foram coletados/construídos no próprio cotidiano da comunidade e do ambiente escolar por meio de observação direta, sendo os conteúdos registrados em diário de bordo, além de relatos realizados por docentes, discentes e gestora da unidade escolar.

#### **Dimensão teórico-epistemológica: porque educação ambiental por meio do ensino de ciências?**

Muito embora os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentem a Educação Ambiental como um tema transversal, diferenciando-a das denominadas áreas convencionais justamente por seu caráter emergente na sociedade atual, já que “tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano” (Brasil, 1998a, p. 26), entende-se que o ensino de ciências seja espaço privilegiado para tratar da temática no contexto escolar e comunitário, uma vez que, oportuniza a docentes e alunos a construção de um olhar diferenciado sobre a vida dos cidadãos e sua relação com o ambiente local. Não se quer com isso reduzir Educação Ambiental a uma área convencional, mesmo porque, independente da área de atuação, todos somos responsáveis pelo ambiente em que vivemos, ampliando, por tanto, as possibilidades de entendimento e aplicação de seus saberes, porém, imperioso reconhecer o papel de destaque que o assunto recebe na área de Ciências Naturais, inclusive referendado nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, no eixo vida e ambiente, o qual, segundo o documento, “[...] busca promover a ampliação do conhecimento sobre a diversidade da vida nos ambientes naturais ou transformados pelo ser humano [...]” tendo como propósito estudar “[...] a dinâmica da natureza e como a vida se processa em diferentes espaços e tempos” (BRASIL, 1998b, p. 42).

Ensinar ciências a partir de uma perspectiva ambiental, política, possibilita a inclusão do sujeito no dinamismo da vida, favorece a construção de um posicionamento crítico, engajado, diante dos acontecimentos históricos. Nessa toada, Chassot (2016, p. 109) alerta no sentido de que “temos de formar cidadãos e cidadãs que não só saibam ler melhor o mundo onde estão inseridos, como também, e principalmente, sejam capazes de transformar este mundo para melhor”. A compreensão por parte de professores e alunos de que o conteúdo ambiental está presente no cotidiano e inesoravelmente vinculado a uma educação politizada aponta para a organização de um currículo em que o ensino de ciências passe a se estabelecer como um território de reflexão sobre a relação ser humano/ambiente, e nesse sentido, o que é ensinado torna-se fruto dos problemas diários dos envolvidos no processo educativo. Diante desse posicionamento, a responsabilidade político-ambiental do ensino de ciências converte-se como condição essencial para um fazer pedagógico consubstanciado nos saberes tradicionais locais presentes nas relações dos sujeitos conviventes em São Miguel do Flexal, na medida em que se constitui como um elemento balizador da valorização dos saberes e da cultura vivenciada pelos cidadãos locais. Alinhada a esse pensamento, Franco (2016, p. 537-538) defende uma pedagogia pensada a partir de “uma epistemologia crítico-emancipatória, que considera ser a pedagogia uma prática social conduzida por um pensamento reflexivo sobre o que ocorre nas práticas educativas, bem como por um pensamento crítico do que pode ser a prática educativa”.

Não é objetivo desse momento discutir a transversalidade da Educação Ambiental, haja vista, que tal premissa já foi amplamente debatida e defendida nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais e na organização dos currículos escolares, o que se propõe é, especialmente no caso da Escola de São Miguel do Flexal, que a temática ganhe força por meio de um ensino de ciências envolvido politicamente e ambientalmente, capaz de indagar e refletir sobre os problemas enfrentados na comunidade o que se sugere fazer mediante temas geradores oriundos do contexto local, denominados nessa pesquisa de Temas Geradores Locais (TGL). Acredita-se que os temas geradores problematizados na vivência de alunos e docentes tenham potencial para a produção e condução de um fazer pedagógico, científico, cultural e político visto que não estão presos aos “[...] homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens”, só fazem sentido “[...] nas relações homem-mundo” (FREIRE, 1987, p. 98). São estas relações profundas, permeadas pelo diálogo, por indagações e reflexões, que levam a valorização e a construção de novos conhecimentos, provavelmente mais condizentes com a realidade dos indivíduos que fazem parte de uma determinada sociedade. É na prática cotidiana, vivenciando as relações diárias que docentes e discentes se envolvem com o conhecimento, que neste caso, não é somente escolar, faz parte de um complexo sistema cultural e social, produzindo-se uma linguagem peculiar, com significados que estão distantes dos chamados currículos oficiais, e evidentemente dos conhecimentos considerados como científicos. É nesse momento, que a Educação Ambiental por meio do Ensino de Ciências conquista seu destaque, pois, por via da problematização e da assunção de temas geradores, torna-se possível o desenvolvimento de um trabalho com temas de múltiplas dimensões e extensões sociais e pedagógicas.

Importante destacar que no âmbito da comunidade em estudo, especificamente no que se refere à Escola de São Miguel, o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com Educação Ambiental por meio do Ensino de Ciências é algo que se reveste de condição essencial para a estruturação de uma postura crítica diante das dificuldades ambientais encontradas, tendo em vista, que a população local vive basicamente do que o ambiente oferece e que os conteúdos trabalhados na escola são prioritariamente voltados para aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática, na maioria das vezes esquecendo-se das ciências e do próprio ambiente. Conhecer é um ato que exige, antes de tudo, leitura de mundo, havendo necessidade de que o sujeito se reconheça como um ser pertencente a este mundo, e, portanto, capaz de entendê-lo e transformá-lo por meio da interação. Nada no mundo permanece intacto ou intocável, nesse

sentido, Diegues (2000a) alerta para o mito da “natureza intocável”, o que seguramente tem servido como base de sustentação de interesses econômicos de grupos imperialistas fortemente presentes na Amazônia. É nessa concepção que a Educação Ambiental por meio do Ensino de Ciências no âmbito da escola, ganha contornos políticos e sociais, uma vez que, proporciona a reflexão a partir de temas nascidos das interações cotidianas, das práticas de vida, do ambiente cambiante, que longe de ser meramente natural, é um espaço de conflito, de transformação e primordialmente de saberes compartilhados, construídos, moldados e modificados no próprio ambiente, afinal, “[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”. (FREIRE, 1996, p. 54). Os conhecimentos ambientais apresentados estão intimamente relacionados às formas de sobrevivência experimentadas no cotidiano, é nesse espaço que o conteúdo se torna significativo, parte das relações, fomentador de saberes. Provavelmente por esse motivo, Chassot (2016, p.235) alerta para o fato de que:

O pescador solitário, que encontramos em silenciosas meditações, sabendo onde e quando deve jogar a tarrafa, também tem saberes importantes. A lavadeira, que sabe escolher a água para os lavados, tem os segredos para remover manchas mais renitentes ou conhece as melhores horas de sol para o coaro. A parteira, que os anos tornaram doutora, conhece a influência da lua nos nascimentos e também o chá que acalmará as cólicas do recém-nascido. A benzedeira não apenas faz rezas mágicas que afastam o mau-olhado, ela conhece chás para curar o cobreiro, que o dermatologista diagnostica como *herpes zoster*. O explorador de águas, que indica o local propício para se abrir um poço ante o vergar de sua forquilha de pessegueiro, tem conhecimentos de hidrologia que não podem ser simplesmente rejitados.

São múltiplos os saberes que fazem parte de uma sociedade, de uma cultura, e que estão diretamente impregnados nas formas de se relacionar com o ambiente e com as condições e experiências de vida presentes em um contexto social. Esses saberes regem o convívio dos sujeitos envolvidos e inevitavelmente influenciam nas ações destes sobre a natureza. São esses saberes que dizem quando e como se deve caçar, pescar, manejar o gado, quais os instrumentos mais adequados para cada ocasião. O interessante, e ao mesmo tempo perverso, é que nada disso consta no currículo oficial e muito menos nos livros didáticos utilizados na escola, portanto, reforçando o distanciamento entre os conhecimentos tradicionais e os conteúdos trabalhados na educação formal. Parece que nesse caso, não se discute o que ensinar? Nem tampouco o como ensinar? São questionamentos distantes do espaço escolar e comunitário. O poder decisório foge das mãos dos que realmente conhecem a realidade. Para referendar o relato, recorre-se novamente a Chassot (2007, p. 66) e sua discussão sobre desafios curriculares. Afirma o autor que:

Se nós temos como meta ajudar a construir valores sociais, voltados não apenas para a conservação do meio ambiente e sua sustentabilidade, como também, valores críticos que se responsabilizem pelas modificações que ocorrem no ambiente natural, precisamos estar atentos a como se tomam as decisões que passarão a reger o nosso fazer.

Por tudo que já foi apresentado, torna-se evidente o caráter político ambiental que se pretende sugerir para o ensino de ciências aplicado na escola. Este pressuposto se justifica pela necessidade de colocar os saberes locais na ordem do dia, em uma perspectiva reflexiva, permitindo a alunos e professores decidirem sobre questões fundamentais para um processo educativo crítico: o que ensinar? Como ensinar/ Para que ensinar?

Nessa lógica, uma proposta por meio de temas geradores locais potencializa os conteúdos, considerando que estes passam a surgir de problemas reais vividos pela comunidade, ensejando, portanto, métodos e objetivos que sejam produzidos pelos agentes implicados

no processo. Dentro dessa propositura, ensinar passa a ser uma tarefa em que o docente deixa de ser o mero “tradutor do livro didático” e assume um papel mediador, ao mesmo tempo em que ensina, também aprende por meio das experiências compartilhadas. O aluno, por sua vez, constitui-se como sujeito aprendente, alguém que se permite ir além do que está escrito nos livros didáticos, com habilidades para entender as diversas maneiras de se relacionar com o ambiente e suas implicações no viver comunitário.

**Dimensão político-cultural-ambiental: problematização e temas geradores locais:** A introdução de temas geradores locais como pressupostos fundantes da pedagogia que deverá ser desenvolvida na escola se justifica pelo fato de que os conteúdos trabalhados no ambiente educacional formal estão distantes das práticas de vida, dos saberes que regem o cotidiano local e que estabelecem a relação com o meio ambiente. Defende-se a ideia de que professores e alunos necessitam dialogar com os conhecimentos produzidos histórico e culturalmente, em um processo reflexivo capaz de propiciar a construção de fios condutores entre os ditos saberes e o currículo proposto pelos órgãos governamentais. Admitindo como verdade que não se deve desprezar o currículo oficial por conta da própria unidade da educação nacional e de outros argumentos propalados na literatura e na Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, também afirma-se ser imprescindível que o conteúdo contextual local, esteja contido no fazer pedagógico escolar, pois é este movimento dialógico que garante a significância de teorias, métodos, práticas e conhecimentos compartilhados na escola. Durante a pesquisa foi possível observar a aplicação, por parte dos docentes da Escola de São Miguel, de práticas pedagógicas burocráticas, quase sempre desconectadas da realidade, práticas profundamente arraigadas aos livros didáticos e ao currículo oficial, deixando de lado o ambiente, os saberes, relações cotidianas e a cultura local. Não se pretende com isso discutir competência docente ou a qualidade do ensino aplicado na escola, mesmo porque, exigiria uma análise atenta das condições de trabalho e dos processos de formação de docentes e gestores atuantes nesse espaço, o que não se configura como objeto de estudo dessa investigação. Pretende-se nesse momento, sugerir uma proposta pedagógica que possibilite a efetivação de um processo ensino/aprendizagem mais coerente com os saberes científicos e ambientais em destaque nessa parte da Amazônia.

A problematização sugerida permite a professores e alunos a imersão no contexto comunitário, gerando temas politicamente, cientificamente e ambientalmente amalgamados à realidade amazônica. Os conteúdos tornam-se parte da vida, passam a fazer sentido nas inter-relações cotidianas. Nessa concepção a Educação Ambiental por meio do Ensino de Ciências alcança um status que ultrapassa a rigidez disciplinar e passa a funcionar como uma área geradora e agregadora de conhecimentos, alargando as potencialidades de um processo educacional eminentemente voltado para o cidadão convivente na Amazônia. Temas e fios condutores não estão dados, são elementos construídos no processo de leitura de mundo, na problematização e reflexão sobre as relações políticas, sociais e culturais em vigência no ambiente. Assim, o ensino de ciências constitui-se dentro de um contexto relacional, estimulando discentes e docentes à busca e construção de saberes que possam dar conta das situações enfrentadas. Dentro desse prisma, atividades relacionadas à caça, pesca, saúde, trabalho, consumo, ritos, períodos de chuva e estiagem, fases da lua, cantos de aves e deslocamento de animais silvestres, tornam-se fontes de conteúdos e subsídios pedagógicos que indiscutivelmente precisam fazer parte do trabalho escolar.

**Dimensão pedagógico-escolar: materiais didáticos e conhecimentos tradicionais:** Os conhecimentos produzidos na comunidade fazem parte de um complexo cenário, onde as relações sujeito/ambiente estão marcadas por elementos culturais e históricos ausentes da vida escolar, em especial no que diz respeito ao currículo, metodologias e materiais didáticos utilizados nas aulas ministradas. Os conteúdos trabalhados estão presos aos livros didáticos ofertados pelo Ministério da Educação em nível nacional, e obviamente encontram-se dissociados das diversas realidades experimentadas Brasil a fora, o que por certo vem dificultando a implementação de

alternativas pedagógicas mais engajadas ambientalmente. Nessa lógica, há a necessidade de que o material didático se constitua a partir de uma proposta político-pedagógico-ambiental, levando em consideração a leitura de mundo dos sujeitos envolvidos no fazer educativo, trazendo para dentro do ambiente escolar conteúdos até então marginalizados, considerados como algo de pouca importância para o sucesso acadêmico/profissional. Como já demonstrado em outros momentos dessa pesquisa, são muitos os saberes circulando no cotidiano de São Miguel do Flexal. Conhecimentos que efetivamente fazem parte da vida, e que indiscutivelmente, permitem a sobrevivência na comunidade, visto que se consolidam por meio de ensinamentos repassados de geração em geração, indicando os melhores tempos e espaços para o plantio, caça e pesca, além das formas mais adequadas de utilização da flora local. A responsabilidade da educação escolar necessita ultrapassar seus muros, já que esta, não se encontra isolada das relações cotidianas. No caso de São Miguel, em determinados momentos do ano, até existe certo isolamento físico, mas de maneira alguma cultural, social, ambiental e político, por este motivo a valorização dos saberes tradicionais é imprescindível no estabelecimento dos conteúdos e no fazer pedagógico escolar. As observações e interações junto à comunidade favorecem o entendimento de parte de sua dinâmica de vida, sendo possível, apoiado nessa relação, sugerir possibilidades pedagógicas para uma educação escolar mais humana e preocupada com o ambiente e sua conservação. *Pari passu* com essa ideia, apontase para eixos temáticos que longe de serem pontos fixos, encontram-se abertos a novas construções e inclusão de saberes que talvez não estejam expressos nos conteúdos oficiais.

**Eixo 1 – Ciclos naturais e seus tempos:** O conhecimento dos ciclos naturais e de suas mudanças ao longo do tempo faz parte das experiências de vida apresentadas pelos moradores da São Miguel. Configuram-se como saberes essenciais as formas de sobrevivência na região, pois estão na base das habilidades necessárias ao desenvolvimento do trabalho, e do respeito à cultura e o ambiente local. O eixo temático suscita questões emergentes que merecem discussão dentro e fora do ambiente escolar: Que impactos os períodos chuvosos e de estiagem têm na vida dos comunitários? Que mudanças ambientais ocorrem nos dois períodos? Que aspectos da fauna e da flora se destacam durante a inundação dos campos e nos tempos de estiagem? Que influências os seres humanos têm ou tiveram na demarcação desses dois momentos? Como ocorre o processo migratório de aves peixes, mamíferos e quelônios durante as duas fases?

As formas de entendimento dos ciclos e seus tempos direcionam para esses questionamentos e provavelmente para outros não presentes nesse trabalho, mas que dentro das relações escolares deverão emergir com força suficiente para conduzir uma aprendizagem mais significativa, à medida que os envolvidos no processo tornam-se protagonistas do fazer pedagógico.

**Eixo 2 – Relação ser Humano-Ambiente:** A maneira como os sujeitos locais interagem com o ambiente demonstra vários aspectos da cultura presente no cotidiano, dentre eles o respeito às crenças e aos mitos que fundamentam os saberes repassados de geração a geração e que indubitavelmente influenciam a utilização da natureza enquanto recurso de sobrevivência. Muito comum no dia a dia da comunidade se ouvir falar de como o cenário de São Miguel vem se alterando nos últimos anos e o quanto tal fenômeno tem modificado o convívio local no que tange a trabalho, alimentação e mesmo, as formas de locomoção nesse espaço amazônico. Espécies da fauna e da flora antes abundantes em rios, lagos e campos passam a ser cada vez mais raras, principalmente por conta da ação humana no ecossistema. O enredo evidenciado leva a questionamentos que parecem ter força geradora para fomentar a reflexão e o debate sobre problemas enfrentados na coletividade: Que entendimento os moradores tem sobre as mudanças ambientais? Que fatores estão promovendo tais mudanças ao longo do tempo? Que espécies da fauna e da flora ainda são abundantes? Que espécies estão desaparecendo de rios, lagos e campos? O que pode ser feito para melhorar a relação com o ambiente?

Problematizar a relação com o ambiente é condição para seu entendimento, visto que com esse movimento torna-se possível a reflexão sobre as práticas adotadas pelos moradores no sentido de depredação ou conservação do meio ambiente, assim como, da influência de terceiros nesse processo. Esses conteúdos necessitam ser revisitados, valorizados e explorados pela escola enquanto ponto de partida de qualquer outro assunto que seja abordado em seu espaço visto fazerem parte e afetarem diretamente a dinâmica local, funcionando como o cerne primordial para a construção de uma Educação Ambiental politizada.

Eixo 3 - Ambiente E Desenvolvimento

## CONCLUSÃO

Evidente o fato de que nada está paralisado, os saberes estão em movimento constante, transformando e sendo transformados no processo dialógico/reflexivo. Assim, conhecer torna-se um ato inseguro, movido, cambiante e neste sentido, temas, questionamentos e eixos são modificados e substituídos de acordo com as necessidades e indagações de alunos e professores participantes das práticas educativas. Esses são apenas alguns itens que podem ser construídos tomando como base o processo de problematização e geração de temas e eixos. Efetivamente, essa forma de pensar as práticas pedagógicas, possui potencial para estimular outras reflexões tanto por parte de professores quanto de alunos, proporcionando maior interação entre os saberes produzidos na comunidade e a educação escolar. Certamente, as indagações apresentadas se referendam em vivências pessoais enquanto acadêmicos, porém, no ambiente escolar os contornos serão outros, tendo em vista, a multiplicidade de saberes e questionamentos que estão na base das relações escolares e fundamentalmente nos fazeres dos sujeitos que fazem parte dessa região da Amazônia Amapaense. Assim, imagina-se ser possível a construção de um processo educacional viabilizado por um currículo estruturado e desestruturado a cada geração de moradores, caracterizado pela inclusão constante de novos saberes, elementos políticos, culturais, sociais e por vezes até novas paisagens formadas pela ação do homem e dos ciclos ambientais.

## Agradecimento

Agradecemos a Universidade do Estado do Amapá – UEAP e ao PPGECM/REAMEC por todo apoio prestado ao desenvolvimento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 7.ed. Ijuí: Unijuí, 2016.
- CHASSOT, A. Educação consciência. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Rev. Bras. de Est. Pedag. (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353>. Acesso em: 27 de dezembro de 2017.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, S. L. de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2004.
- MOROZ M.; GLANFALDONI, M.H.T.A. Projeto de Pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.